

602 V. (m. 1)

RICARDO JORGE

---

# SANIDADE EM CAMPANHA

Conferências

proferidas no acampamento de Tancos e na Faculdade de Medicina de Lisboa  
em julho e agosto de 1916

## 1.ª CONFERÊNCIA

É superior a toda a precaução reger uma multidão de homens, ainda na mais estreita disciplina, sem que neles haja doenças e enfermidades. O que se pode pretender é que, pelos meios mais a propósito, executados pelo poder da disciplina militar, a maior parte deles fique isenta dos maiores males ou da morte... Se os generais não tiverem a providência de prevenir estes males, serão mais destruidores do seu exercito do que a espada do inimigo.

RIBEIRO SANCHES, *Tratado da Conservação da Saude dos Povos*, 1756.



LISBOA

1917



## MEUS SENHORES

Trinta e dois anos se perfazem por êstes dias sôbre as conferências de *Higiene social*, proferidas na Escola Médica do Pôrto, que balizaram o início da minha carreira pública de higienista. Oxalá pudera, para bem meu e dos que me ouvem, ir ao arrepio dos anos buscar a inspiração calorosa de então. *Quantum mutatus ab illo*. Então como hoje prégava os mandamentos da *salus populi*, ao tempo sob a ameaça da epidemia, agora sob a iminência da guerra. Não variou o significado científico e social do tema, e compraz-me esta concordância espiritual entre os extremos duma vida inteira. Mesmo é o lema, mesmo o credo, mesmo o ardôr intimo; o discorrer dos anos tão pouco quebrou ou afrouxou sequer a liberdade de pensar e de falar, a rebeldia contra o constrangimento das conveniências fáceis. Falta porém o melhor — a fuga e o fogo duma mocidade exuberante.

Há muito que, salvante o exercício do magistério ou de cargos profissionais, a língua emudeceu para ajuntamentos públicos; e jámais se destravaria de moto próprio, se imposições estranhas não vencessem os propósitos endurecidos do silêncio habitual.

Fui envolvido no redemoinho que varre a Europa, como digressionista de estudo aos campos de batalha da grande guerra. Assim o quiseram os ministros da guerra e das finanças, ao encontro, sem o saberem, dos meus vivos desejos de contemplar, atônito e entusiasta, esse vasto taboleiro de decisi-



vas experiências sanitárias, realizado da vanguarda à rectoria dos exércitos, tal como jámais o sonhara sequer a hygiene social moderna <sup>1</sup>.

Á volta mandou o chefe supremo do exército ao comissionado que levasse ao acampamento de Tancos as novas da sanidade que, em beneficio das nossas tropas, conviesse transmitir e divulgar. *Docete gentes* — fraco apóstolo. Obedeci constrangido, mas vencido do dever. Podia dizer como o clássico: «Vi, ouvi e li», e do que vira, ouvira e lera, devia contar. Se luz trazia na mão, não era para a meter debaixo do alqueire, segundo a imagem condenada do evangelho. Obedeci, nem o momento é outro senão para obediência a tudo quanto possa importar à salvação pública; a ninguem é dado, já não digo recusar, mas limitar sequer o seu concurso.

Sinal dos tempos, digno de registo no meio nacional, êste do chefe militar a pleitear pela causa sanitária mais do que se fôra um profissional, diferente dos pretores para quem a saúde da milícia é coisa mínima, esquecidos da máxima de Turenne que tinha a vida e a saúde do soldado pelo bem mais precioso da sociedade, máxima que só a guerra magna do século xx havia de vingar em realidades.

Outro sinal dos tempos, êste dum paisano estreme a arengar num campo de manobras perante a officialidade médica, rodeado de fardas, espantado logo ao encarar o espadagão pendente dos iliacos dos colegas, a jurar contra a cruz roxa do braçal de Genebra. ? Quem te prendeu a essa espada?! dizia Cícero ao genro Dolabella; ? quem prenderia o médico ao montante do Lidador?! — hoje, que a toledana nem já assenta no flanco do official combatente, arma pre-histórica de museu bélico, arma imbele e inútil, simples metáfora da honra militar, praticamente um trambólho — perdoe-se a irreverência — condenado por todos os modos, até pela hygiene, sobretudo quando trazido a peso de cinturão; um trambólho que nem sequer já serve como outrora para afugentar o demónio, desde que perdeu a cruz dos copos.

---

<sup>1</sup> Repeti a visita em março de 1917, enviado pelo govêrno à conferência sanitária dos aliados, onde era delegado por parte de Portugal desde junho de 1916, reunida no *Off. Int. de Hyg.* de que faço parte desde 1912.

Tanto se chumbou a durindana nos hipocondros do médico miliciano que nos cursos do seu tirocínio, onde deviam imperar como objectivo de ensino a tática e a técnica sanitárias de campanha, chegou a coriscar a espada preta em exercícios de esgrima. E pois que a espada é irmã da sela, como insignia de cavaleiros, entraram também no programa as curvêtas da arte da ginêta: hoje, que o corcel das pelejas se anquilosou nas estátuas equestres e se fossilizou na reminiscência épica do bucéfalo de Alexandre, do Babioca do Cid, e do cavalo branco de Napoleão; hoje, que a grande montada de batalha é o *horse power*, o automóvel que revolucionou a arte inteira da guerra, desde a manutenção, municiaamentos e viaturas, arma mesmo de combate, até à assistência médico-sanitária que se resolveu em auto-ambulâncias de toda a espécie, da cirúrgica à laboratorial. Aprender a conduzir o murzêlo de ventre de gazolina e cascos de borracha, isso sim que é prenda de guerra.

Já que estou em maré de heresias, não fico em meio: *Oportet hæreses esse*. Olhe-se para a indumentária castrense e ver-se-há quanto ela tem de simbólico e aparatoso: reminiscências do passado, em que ainda, em tempos próximos, um cabo de guerra como Murat, ia para a batalha, recamadas as costuras de batidos de ouro, ondeante no bicorne o cocar de plumas. Preparos de parada, em que a garridice marcial ostenta o seu quê do figurino feminino — galões, vivos e pennas. O que tudo não passaria dum contraste picante para o observador, se não implicara com a própria segurança do guerreiro. Tráem-no como mira de alvo, esses dices coloridos e reluzentes — divisas, insígnias, doirados, e abotoaduras. Sirva de exemplo a grande mortandade causada no principio das hostilidades pelo uso das pantalonas vermelhas dos franceses — manifestação inconcebível da mais ferrenha rotina e da supina imprevidência da alta gerência militar, de olhos cegos perante a farda sóbria e sombria, adoptada pelos japoneses na guerra da Manchuria e pelos ingleses nas guerras colonais. Uma lição colhida por qualquer profano versado, e que entretanto o estado maior duma nação militar não aprendera <sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Há pouco ainda (XI-16) ALBERT PINGAUD — *La guerre vue par les combattants allemands* — censura os « uniformes surannés et voyants qui, au début de

Tem a rasoira de passar sobre esses excrescentes pormenores do nosso uniforme de campanha<sup>2</sup>; há quantos anos ouvi

la campagne, les désignaient aux coups ennemis», e aduz trechos de cartas de soldados alemães, colhidas no *Der deutsche Krieg in Feldpostbriefen*, publicação de Thummler: «Custa a dar o nome de uniforme ao que eles trazem», escreve desdenhosamente um soldado. — «Como é possível, declara outro, que na actualidade um povo se deixe levar ao campo da batalha, vestido de calças vermelhas ou pretas e capote de azul vivo?!» Só depois destas desgraças é que veio o *bleu-horizon*, que fez dar aos *poilus* o nome de *bleuets*. Entre nós estava há muito adoptado o mosqueado cinzento, e agora generalizou-se o gris azulado ou azul fumo. Qual das cambiantes em uso seja ópticamente a mais eficaz, será difícil de estremar; qual a que assenta melhor, para meu gosto, é o kaki inglês, também usado pelos belgas.

<sup>2</sup> O decorativo marcial no vestuário e aderêços foi um prejuízo de todos os tempos, que tem como radicais psico-morais, por um lado impôr respeito e até temor ao adversário, por outro ostentar galas, que estremem e graduem a classe sobre o vulgo. Atavismos em constante, mas degradativa, reviviscência, difícil de apagar de todo, entretidas como são essas excrescências e singularidades pelo espírito de corpo e casta, sinais exteriores da sua segregação e gradação sobre a massa comum. São laivos de preconceitos que por vezes resistem tenazmente à razão, à comodidade, à higiene, e até ao critério estritamente militar. Já o dr. Xavier da Silva, ao preceituar aliás com suficiente acerto no seu velho *Tratado de higiene militar e naval* (1819) as cláusulas sanitárias do fardamento, tolera e até gaba a barretina alta do seu tempo, «porque dá elegância às tropas e aumenta a estatura do soldado»!

A simplificação do uniforme tem-se, apezar de tudo, operado pela força dos tempos que tudo vence, até as costumeiras tenazes. Foram-se sumindo tantos dos embonecamentos espaventosos da milícia, dos quais o mais simbólico era o dos porta-machados em dia de festa ou procissão. Quantos não sobejam ainda nos custosos e anacrónicos trajes de gala! Essas teatralidades são antagónicas da sobriedade e austeridade que devem presidir ao traje do homem de guerra, que tem de largar de vez o pitoresco doutras eras.

Deve confessar-se que o uniforme é um atractivo para os jovens militares e um chamariz para o alistamento intenso imposto pela guerra. Há que inverter o ditado — o hábito faz o monge, ou ajuda a fazê-lo. A garridice da farda transformou os recrutas médicos e não médicos da officialidade nascente; serviu em muito a domá-los à militarização e a aguentar os engulhos e percalços do mister das armas. Bastava vê-los depois da metamorfose.

O uniforme inglês de campanha é um modelo de simplicidade, de elegância e de conforto; faz gosto ver as linhas da primeira raça do mundo, na plástica e no porte, assim panejadas; o padrão foi logo imitado pela camaradagem belga e francesa. Nestas lições de indumentária buscou inspirar-se o nosso recente decreto sobre fardas de guerra. Apagaram-se os objectos luzidios desde o botão à pala do boné; o oiro e a còr, os galões e os vivos, tiveram, enfim, o seu eclipse. Faltava ainda desafogar o pescoço da gola direita, que

dizer ao homem mais gloriado da medicina militar portugueza, o meu ilustradíssimo amigo Cunha Belem, que a farda do soldado não deve ser senão uma variante adaptada do traje do paisano.

Venho refazer a palestra de Taneos. A êste auditório civil trouxe-me também impulso alheio, em que entrou a mão obrigante do director da Escola, no propósito, como chefe desta casa e como cirurgião, de concorrer para que se eleve e apreste a nossa medicina á altura das responsabilidades que nesta conjuntura lhe impendem. De guerra se vai falar na casa da paz. Lá por fóra as universidades e os universitários estremam-se na devoção do concurso nas estreitezas desta hora incerta. Que o diga a poderosa propaganda do *War Lecture Committee*. Lord Haldane, ao reformar o sistêma orgânico do exêrcito in-

---

deve ser francamente rebuçada — escrevemos nós ao tempo, e essa usança inglesa veiu também a vingar agora.

A espada passa a ser facultativa — um cufemismo para contentar transitóriamente os fieis que gostam da bainha a tropeçar-lhes nas tíbias. Lá fóra foi traste que não enxerguei em parte alguma, dos bulevares ao ministério da guerra, nem nos quartéis generais, nem nos acampamentos, nem na frente. Sumida a velha insígnia.

É singular, aqui não faltou official médico que, apesar de não combatente, entendia precisar dela para infundir respeito ao soldado; e um official de armas, a quem a minha heresia contra o sabre comovera, dizia, nas páginas dum periódico, que era indispensável como defesa contra qualquer agressão. Lá, os graduados andam de bengala como toda a gente, e, quando voz em grita dão alôr às companhias que se precipitam trincheiras fóra nos assaltos através da chuva da metralha, é ainda a bengala alçada o guião dos bravos. Aqui queriam durar ainda os portadores do «ferrugento faim que já foi moda», como dizia o Tolentino. Não viam que os *porta-espadas* hão de ir, afinal, atrás dos porta-machados.

Assim tínhamos dito e assim veiu a succeder; já se não veem, em vez da tarasca tilintante, senão *stickes*, *badines*, etc. Não há dúvida que a nossa officialidade se afeiçoou rápido ao novo padrão da elegância, e até distintamente. Tanto porém se enluxe, que se demasia. A *bande molletière*, talvez porque em portugês se pudesse chamar *tira-da-perna*, ou por demasiado modesta, foi posta de banda, diga-se sem calembur. Todo o official passou a afimbar-se com grêvas caras de coiro, como se todos fossem cavaleiros. Agora mesmo em França (XI-17) o ministério da guerra cortou esse abuso para os officiaes peões, danoso para a carestia dos pelames, arrancando ao mesmo tempo os cintos e as alças de tira-colo que também entre nós se exibem com todo o garbo. Quando havia o espadagão, traziam-no em cinturão escondido, solto a pesar na cinta; agora que a espada desapareceu, ressuscitam o boldrié.

glês, escolhia precisamente o seio das universidades de Cambridge, Oxford, Londres e outras, para criar o ensino militar dos graduados do exército territorial, vinculando-o à instrução e ao professorado civil — *officers training corps*: desses alômbres está colhendo a impávida nação a flôr da actual officialidade das suas tropas, improvisadas no mais magnífico esforço demomilitar que o mundo viu.

Passei a idade há muito dos serviços válidos de fileira, com mágoa o digo. Veterano sou das campanhas da saúde pública, batalhas que quasi tantas foram quantas as derrotas. A esta agora que será certamente a derradeira, — esforço humilde em pró da sanidade do exército português, brado inspirado pelo amor da hygiene, estreitado ao brio da pátria — estará reservada a mesma sorte ? !<sup>1</sup>.



Prezar a sua profissão é um quasi predicado deontológico ; celebrar os seus triunfos, um justo sentimento. Nunca à medicina e aos médicos se renderam tantas homenagens ; jámais os poderes públicos se interessaram tanto pelo seu exercício, nunca a dotaram e favoreceram assim. A guerra desenrola, e cada vez com mais poder e brilho, êste espectáculo grandioso da apotcose das sciências mêmicas. Tal é a impressão viva que colhi e trouxe dos campos de batalha, da zona dos exércitos, dos comandos, das secretarias, dos hospitais, dos laboratórios, das comissões, das sociedades — da visão das coisas, do trato dos homens, da leitura das communicações. A medicina de accessória e subalterna tornou-se uma das mais subidas e caras preoccupações da gerência militar e civil das nações em guerra. É uma desforra da sciência e da profissão para os países que em tempo de paz menos curam da sua cultura intensiva.

¿ Donde vem tamanho favor ?

¿ Será por causa da grande massa de facultativos exigida pelos gigantescos contingentes em acção, pelas imensas linhas

---

<sup>1</sup> Proféticas palavras. Quando a minha fraca voz não servisse senão para fazer afirmações francas e desassombradas, mas sincerissimas de intenção, não dariamos o tempo e o trabalho por perdidos, pois que se empregaram em contrabater rotinas e preconceitos.

de fogo, pelo crescente poder vulnerante dos projecteis? Não, o que mais avulta não é a quantidade, mas a qualidade, menos a extensão do que a intensidade e eficácia do serviço. Quis-se que a arte médica desenvolvesse no teatro da guerra todas as conquistas da ciência e da técnica, e para efectivá-lo, ao máximo e ao óptimo, liberalizaram-se os recursos da finança, da gerência e da organização.

O gasto de dinheiro pode servir de avaliação a tamanho esforço. Dizia-me em Paris uma alta autoridade médica da administração francesa: — «Calcula a quanto monta o crédito anual consagrado aos serviços de saúde da guerra? Um milhão de milhões de francos — a quarta parte do orçamento geral da França em tempo de paz. Só nêstes últimos dias se remeteu para a frente material que importou em centenas de milhões». Ardia ao tempo o brazeiro de Verdun e preparava-se a explosão do Somme. A que soma pavorosa não subirá a despesa do *Army Medical Corps* no *War Office*?!

As organizações criadas pelos beligerantes para fazer face às exigências progressivas da assistência médica e da sanidade geral são tanto ou mais eloquentes do que as cifras monetárias.

A França instaurou um verdadeiro ministério suplementar, o sub-secretariado dos serviços de saúde do exército, confiado a um homem político vigilante e empreendedor, MR. JUSTIN GODART, que se tem notabilizado na sua gerência<sup>1</sup>. Assistem-nò personalidades scientificas e entidades profissionais de toda a ordem; o seu braço direito é o prof. SIMONIN, tão simpático, activo e esclarecido — um instrumento poderoso de acção e coordenação. E em Paris se reúnem com freqüência agora diversas comissões de delegados dos países aliados para o intercâmbio dos progressos havidos na medicina, na cirurgia e na higiene.

A Inglaterra despejou na arena campal da França perto de dois terços, dizem, da sua classe médica, agregada em quadros rasgadamente liberais, onde a competência é o melhor titulo da graduação e aproveitamento. O *Surgeon-general* dos corpos expedicionários gosa da elevada patente de tenente-general,

---

<sup>1</sup> Tem atravessado todas as situações políticas; neste momento recenrou no gabinete Clémenceau.

superior à de general de divisão ; assistem-no os mais abalizados consultantes da medicina, da cirurgia, da higiene, das especialidades, dos laboratórios. A excelência do pessoal corresponde a riqueza do material e da instalação. Uma realização de todos os desiderata que, sobretudo na *sanitation*, constitui uma verdadeira maravilha que assombra mestres e leigos e faz o orgulho dos ingleses.

Na Rússia, apontava o seu delegado o príncipe Orbeliani — um médico príncipe — que o czar colocara sob a direcção duma alteza imperial o príncipe de Oldenburgo, toda a administração civil e militar da medicina pública, os serviços de saúde da união dos zemstsvos e das municipalidades, toda a assistência e sanidade em campanha <sup>1</sup>.

Como não havia de ser assim, se o soldado se torna em tempo de guerra a vida mais preciosa da colectividade? Não há saúde de príncipe ou de milionário que mais cuidados mereça e mais despendio demande. Como não havia de ser assim, se a medicina é o amparo dos males do combatente, antes da batalha, na batalha e depois da batalha? Ao soldado, não pôde poupá-lo às balas, mas poupa-o às moléstias que dizem mais que o fogo do inimigo, invulnera-o contra as doenças pegadiças — as infecções, os contágios, as epidemias. Ao ferido, dá-lhe a salvação da vida a poder de arte, evitando quanto possível as mutilações e aleijões, e prevenindo as infecções que tantas vezes inutilizavam o beneficio do ferro. Ao estropiado, ao aleijado, supre ortopêdicamente o membro falto ou falho, preside à sua reeducação de trabalho para refazer um ser válido, útil a si, aos seus e à colectividade — um movimento de medicina social que me causou admiração, uma das mais belas aquisições desta guerra em que tanto se tem avantajado a França.

Tudo isto atinge uma espécie de finalidade mística, evangélica; se não fôra a poder de sciência e de consciência, dir-se-ia milagroso.

Um homem de boa cabeça e de bom coração, o prof. Mel-

---

<sup>1</sup> Criou-se ao depois em novembro (1916) um ministério de saúde pública com todo esse âmbito de acção. A revolução consumada em março (1917) subverteu tudo na desorganização civil e militar. A Austria chegou (VI-17) a instaurar um ministério de hygiene e obras sociais, que não sabemos se foi mantido nas suas últimas e repetidas reorganizações dos gabinetes.

tzer do Instituto Rockefeller, enviou há pouco a mim como a alguns dos médicos seus conhecidos do nosso país, um apêlo mundial para a realização dum pensamento generoso — do que ele chama *Medical Brotherhood, Fraternitas Medicorum*. Ao glorificar os estudos modernos que reduziram os estragos da guerra, tanto por doença como por ferimentos, exclama: «As sciências médicas e a classe médica tomam parte nas guerras; mas qual é a sua situação em comparação das outras sciências, dos outros homens de sciência, dos homens de cultura e de educação? Esta a resposta: nenhum dos numerosos descobrimentos importantes feitos nas sciências médicas foi até agora usado para destruição de vidas ou como arma de combate». Essa indemnidade é uma alta glória moral.



Com a exaltação da medicina geral e especial em campanha coincidiu — e quem o esperaria? — uma metamorfose bruesa da antiga e clássica *medicina castrense*, dir-se fa até o seu decaimento. Tudo se conspirou contra ela, tal como era e pretendia ser. A própria guerra, pela sua amplitude e violência, pelos novos sistemas de batalhar, pela cerração das linhas entrincheiradas, fez baquear a tática e a estratégia médicas, tais quais a praxística dos arraiais as esquematiza nos manuais e nas instruções. Toda aquela geometria no espaço, sábiamente combinada e adestrada, viu as suas linhas construtivas baralhadas e partidas. Tínhamo-lo anunciado a três meses da rutura das hostilidades<sup>1</sup>. O automóvel, dando às viaturas a máxima celeridade, possança e comodidade, tanto levando com o maior requinte de recursos as ambulâncias cirúrgicas e especiais ao couce das tropas da acção, como evacuando os enfermos rápido e longe, rodou sóbre as arranjadas plataformas, desmanchando as formaturas e os escalões. A tropa médica arrumava-se nas rectaguardas numa parada gráfica de jerarquias e graduações — um taboleiro de xadrez que se voltou. Transtornou-se toda esta topografia viva, fracturou-se o rígido bloco médico-militar. Nos quadrados da ordenança entrou uma imensa falange inva-

---

<sup>1</sup> A Guerra e o Pensamento médico, 1914.

sora, a *medicina civil*, o médico paisano. ¿Eram galuchos a instruir? não, são médicos feitos, trazendo consigo o principio lógico da divisão do trabalho, da especialização funcional, da sobrelevância das competências. Era fatal; a invasão dos civis sacudiu rudemente a hegemonia estabelecida, impossível mais de manter-se por incompatível com a sanção da ciência e o interesse humano.

O primeiro golpe veio logo, donde? da propria *cirurgia do exército*, a essência mesma médico-castrense. Não há cirurgia de guerra, disse-se e testilhou-se; haja-a ou não, clamou-se e bem: *a cirurgia é para os cirurgiões* — o ferro para a mão do seu dono. ¿Há bons cirurgiões e destros operadores nas faculdades, nos hospitais, na clinica civil? pois querem-se desses bons, dos melhores, na linha de fogo para salvar o pobre soldado que não pode nem deve abandonar-se a mãos inexperientes.

Conquistou-se essa posse, e atrás da brecha do cirurgião veio a chusma dos especialistas, e atrás dos médicos veio o higienista, o preventor dos males inficiosos — projecteis difusos a ameaçar de continuo a integridade do combatente.

Toda a nova coorte abriu caminho, lugar e assento, à custa da velha pragmática; e ao colocar-se, deslocou. Claro é que mediou um periodo de perturbação e de mal estar. Era o choque da rotina, dos usos, costumes, fóros e regalias. Onde hábitos e uniformes imperam, ou sejam na igreja ou no quartel, incuba o espirito cerrado de classe e até de casta. É a *xenofobia* temerosa, a atacar a irmandade hipocrática. Por força de necessidade e razão, por pressão infrangível de ordem moral e social, a harmonia teve que estabelecer-se. Consumou-se no campo médico a fusão do militar e do militarizado; não dei tento já de vislumbres de diferenças. Oxalá que assim seja entre nós, avisados já pela experiência alheia. Pode surgir de soslaio algum pensamento viciado, que não tardará a sumir-se; a nobreza profissional tem de recuperar logo os seus foros.



Os arraiais assistiram à fusão dos médicos e à scisão da medicina. Desses ramos em que se scindiu a medicina dos exércitos, nenhum avultou e se estremou tanto como o da *higiene*

e *profilaxia*. Estalou ao mesmo tempo o conceito mesquinho da clássica higiene militar — locução em si duplamente viciosa, porque a sanidade de campanha não é mais que a aplicação da ciência sanitária geral às condições dos exércitos em acção, e porque a higiene de guerra tem de abarcar relacionadamente a população castrense e a população civil. Lugar de acção contínua é este da higiene em tempo de campanha — acção que antecede, acompanha e segue a do médico — acção que se estende a todos, à colectividade inteira, ao grupo militar como ao grupo paisano, tolhendo aos dois a livre-troca dos contágios. Chegou-lhe agora o seu império; nunca subiu tão alto, nunca se espraiou tanto, nunca dominou assim. Um teatro imenso de ensaios, de experiências e de exitos incessantes campeia em todas as frentes.

A guerra cria por vezes situações tais que a higiene sobressobra miserandamente, impeditiva de toda a sanidade: que o diga a trágica retirada da Sérvia, uma esteira pestilencial de mortandade, a mais pavorosa página médica da história das guerras modernas. Outras pelo contrário prestam-se admiravelmente ao cumprimento das sanções sanitárias, graças ao poderio militar e à profusão dos recursos financeiros; a frente ocidental, depois da grande batalha do Marne, é um vivo exemplo deste favorecimento.

Não foi sob o signo de Higeia que se inaugurou o tremendo choque de 1914. O vira-face da mobilização inicial do exército francês, o roldão da retirada de Charleroi, geram uma barafunda onde os socorros médicos, quanto mais os socorros higiênicos, perigam e sobram; o ímpeto militar instante sobrepujava a todas as preocupações para as quais infelizmente os tempos de paz não haviam sido assás solícitos.

Quando os destinos da guerra riscaram as linhas de combate socavadas nas trincheiras, — colossal formigueiro de gente armada, volvida à época bárbara do ancestral troglodita das cavernas — a providência médica pôde desdobrar progressivamente sobre as hostes a capa de misericórdia, redentora de males e vidas. Travada pela perríssima rotina duma organização sedição, de preconceitos ou antes desconceitos estereotipados no catecismo das ordenanças, foi-se desenleando dessa desumana maranha, despedaçada a pouco e pouco a poder de razão e sentimento, a brados de profissionais e leigos.

O salvamento do ferido, acudido *cito, tuto et jucundè* pelo verdadeiro cirurgião — senhor do seu ferro, desprendido o punho da prepotência das divisas — foi a primeira mira dessa campanha em que a ciência e a humanidade, a imprensa e a política, se deram as mãos para vencer a inércia incompreensível dos estados-maiores e da administração militar. O salvamento das doenças apenas entreaparecia nessas imposições clamorosas da cirurgia de guerra; olhe-se por exemplo para o notável relatório de Joseph Reinach, publicado em março de 1915, que tamanho realce soube dar às afirmativas da nova orgânica e da nova técnica médico-militar — mas onde sómente ligeira referência obteve a premunicação e combate das epidemias, e nenhum o da salubridade em campanha. Era de prever este papel apagado da hygiene, perante o cataclismo, num país como a França onde, apesar do papel brilhante da sciência franceza e das contribuições preciosas dos seus trabalhadores, a hygiene como instituição soeiotécnica e atribuição administrativa do Estado nunca passou duma organização rudimentar e reconhecidamente insufficiente, em si e em comparação de outros países europeus, grandes ou pequenos.

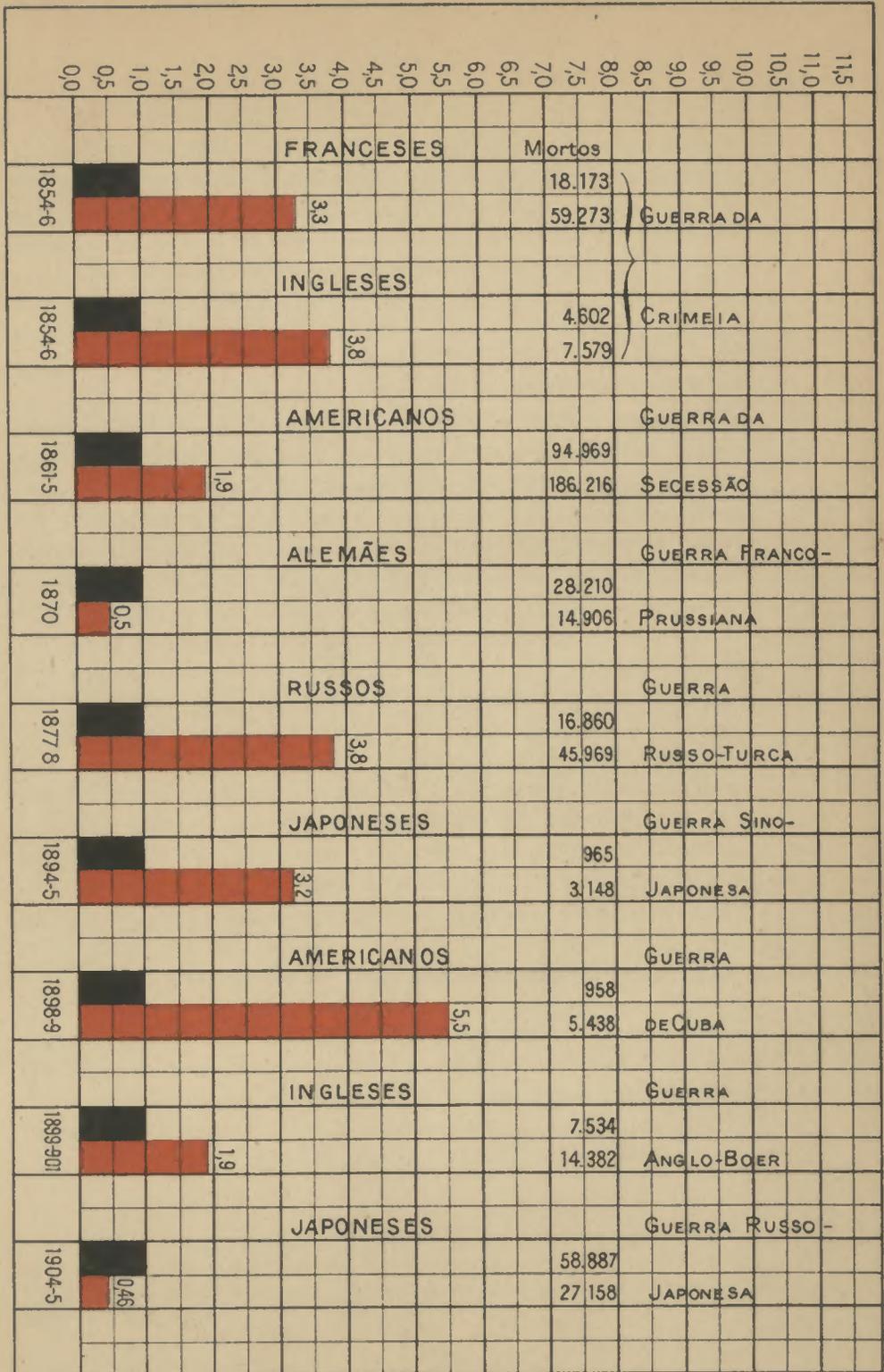
A lição e o impulso vieram de fóra — trouxe-os o inglês com o seu corpo expedicionário. A sua sanidade vinha afinada à maravilha; a novidade e o contraste sobresaíam tanto, que uma comissão técnica, presidida pelo inspector geral Chavasse, era mandada em 1915 ao campo britânico, visitando miudamente as suas instalações, das bases às rectaguardas, e compendiando num relatório as suas impressões e dados<sup>1</sup>. Uma verdadeira revelação.

Não podia deixar de ser uma lição viva e perfeita de medicina sanitária o arraial dum país como a Inglaterra, a pátria da hygiene social, onde a saúde é uma espécie de imperativo categórico, caracteristica popular e distintivo nacional, quasi um sinal etnológico. A conservação da saúde nesse povo fixou-se de muito em instinto, que a sciência apurou e a técnica instrumentou. O êxodo do exército da Gran-Bretanha não é só um

---

<sup>1</sup> Este relatório, impresso em tiragem reduzida e não dado à publicidade, devemos-lo à amabilidade do nosso colega e amigo o dr. Pottevin, do *Office International d'Hygiène Publique*, que nos cedeu o seu exemplar de mão.





Por uma morte pelas armas, quantas pelas doenças?

testemunho nunca visto de império cívico e bélico; constitui um magnífico ensinamento de sanificação, trazido pela mais alta civilização física à Europa continental.



O que quer e o que reclama a higiene campal? Será tamanha a monta dos seus benefícios e milagres? De que intensidade e extensão são os males de que pretende resguardar-nos? Um relance sobre o nosografia histórica e estatística das tropas de guerra responderá — e resposta concludente que ela é.

Toda a guerra tem por característica patológica uma *epidemia de traumas*, como dizia o grande Pirogoff; a esta epidemia lesional conjuga-se uma epidemia nosocomial — morre-se dos ferimentos das armas, morre-se das moléstias espontâneas. A morte comum não afroixa, antes afreima a sua ceifa habitual: Requintam as infecções, e sobre as hostes em campo ateiavam-se os micróbios, cúmplices letais do inimigo. Acendem-se os contágios, lavrando incêndios de extermínio, a disputar concorrência às bocas de fogo.

Quem vai à guerra, dá e leva, diz o provérbio; a dar e a levar, se morre e se mata. Mas na própria guerra os homens se matam uns aos outros, sem se ferirem e sem escolha de campos; matam-se entre si, sem distinção dos seus e dos contrários. A explosão das infecções é fratricida; mais cega e mais feroz do que a pólvora, poda a eito sem olhar a quem, combatentes e não combatentes, soldados e paisanos.

Dos dois flagelos da guerra qual o que vindima mais cabeças? A todo o desprevenido se antolha que seja a arma, e não a doença, a mais mortífera. Puro engano; a lei geral da mortandade bélica, até ao advento salvador da higiene de hoje em dia, tem sido a da proporção inversa — *a morte natural sobreleva à morte violenta, o soldado está mais exposto a morrer na garra da enfermidade que nas mãos do inimigo*.

Logo que os balanços mortuários das tropas de combate entraram de apurar-se, as cifras destacaram esta verdade. Segundo os calculos de Linstow, nas guerras decorridas desde 1793 a 1865 morreram de moléstias *seis milhões e meio de soldados*, ao passo que de feridos sucumbiram *milhão e meio*. Uma proporção global quádrupla: quer dizer, enquanto *a arma derru-*

*bava 1, a mólestia derrubava 4.* Busquei arrolar as listas das principais campanhas<sup>1</sup>, proximamente do último cincoentenário, desde a guerra da Crimeia em 1854-56, e submeti as duas listas de baixas obituárias de cada guerra à relação por quociente, fazendo de divisor o número das mortes homicidiais. Tomado assim por termo de comparação, e portanto de unidade, a mortandade pelo fogo, estabeleci o quadro exposto, numeral e gráfico, como meio, senão o mais correcto em face da técnica estatística, o mais expressivo e impressivo para meter pelos olhos dentro quanto preemina normalmente a hecatombe da morte por doença sobre a morte pelo projectil ou pela arma branca. A proporção em algumas guerras, como na da Crimeia e na de Cuba, desmarca-se espantosamente. Apenas duas excepções à regra se notam no quadro: uma, na guerra franco-prussiana 1870, lado alemão, aliás de bem curta dura; outra, na guerra russo-japonesa 1904-5, lado nipónico, essa sim espaçada por dois anos, primeira guerra aturada em que as defunções de combate excederam as de moléstia mais doutro tanto. A proporção mortuária inverteu-se: *dois feridos por um adoecido.*

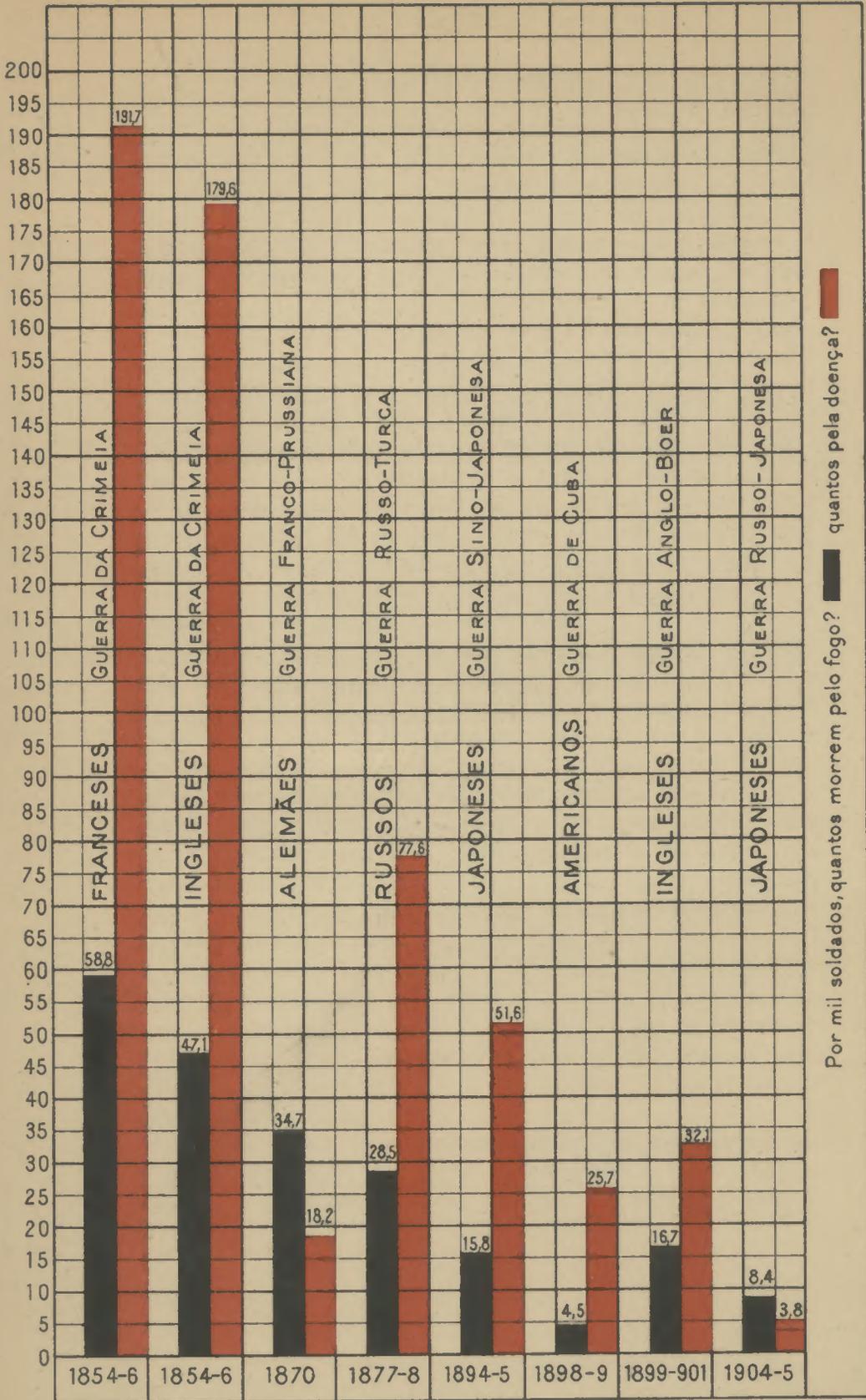
Este processo bruto de comparação padece de vicio, pois que quocienta duas quantidades heterogêneas e diferentemente condicionadas. O termo de comparação, a cifra dos traumas, é maior ou menor conforme a intensidade da luta; em egualdade de higidez, manifestada pela mortalidade natural, a proporção variará conforme as oscilações da mortalidade bélica. Quer dizer, a cifra relacional dos enfermos avultará grandemente, mesmo que as tropas gozem das condições mais saudáveis. A enorme desproporção mostrada pela guerra hispano-americana 1898-99 não é tanto o resultado dum alto número de doentes como da extraordinária rareza de feridos (Havard) — guerra de pouca peleja e pouco sangue.

O método racional e scientifico, tal qual a demografia o pautou, está na quocientação entre mortos e vivos: — consiste em cifrar quantos por mil dos soldados em campanha morrem

---

<sup>1</sup> Sobre estas cifras notam-se discrepâncias nos tratadistas. Servimo-nos das que colhemos no alemão Schwicning (1904), no italiano Trombetta (1908) e no americano Havard (1914). Da última guerra balcânica (1912-13) não restaram estatísticas prestáveis.

## II



Por mil soldados, quantos morrem pelo fogo? ■ quantos pela doença? ■





do ictus traumático ou patogênico, em determinar numa palavra as *taxas obituárias* dos exercitos pelas duas causas de morte. Agora sim é que se saberá ao certo qual a proporção real e comparada da sua ceifa. Mas a precisão dos resultados depende da boa contagem, tanto das baixas por decesso, como dos efectivos em acção. Padecem de êrros ambas estas numerações, acontecendo com freqüência que o algarismo dos efectivos é apenas computado em números redondos, em êsmos. Dai uma imprecisão estatística, agravada ainda pelo facto da força militar não estar por igual exposta à vulneração da batalha. Ainda um outro defeito noto na estatística obituária da guerra, é a eliminação do factor tempo, capital nos calculos demográficos; os estragos são *cæteris paribus* proporcionais ao tempo, e entretanto as taxas calculam-se para a duração da campanha, qualquer que ela seja. As estatísticas até agora produzidas tenho-as por demasiado sumárias e bastante defeituosas; são estatísticas de estado-maior, alheias aos processos profissionais do demografista. É de esperar que esta guerra, onde tantos elementos de estudo se fizeram convergir, traga balanços finais, elaborados *secundum artem*, manipulados a preceito.

Risquei o quadro à vista que numera e traça as permilagens obituárias das guerras derradeiras em dupla série — a dos traumas e a das doenças. A mortalidade diferencial pelas duas causas fica patente — diz quanto em cada guerra se morreu por uma ou outra causa. Ambas as linhas gráficas partem de alto, sobretudo a médica a sobrepujar enormemente a do fogo, pois que a quota correspondente chega a ser quasi quatro vezes maior que a dos ferimentos. Vão uma e outra oscilando, mas acusando uma tendência degressiva; cada vez a guerra restringe mais a sua actividade destrutiva, cada vez matam menos em proporção tanto a arma como a doença. Comparem-se por exemplo as cifras primeiras e as últimas da série; na campanha da Crimeia, lado inglès, por mil soldados morreram de mal 179 e de fogo 47, ao passo que na da Manchúria essas taxas apoucaram-se a 3,8 e a 8,4. Se o tiro do inimigo deitou a terra 6 vezes menos, a foiçada da doença essa foi 47 vezes menor. Uma poupança assombrosa de vidas.

As duas colunas, a principio tão distanciadas, aproximam-se, mantendo-se porem em regra a preeminência da idiopática sobre a traumática; no final invertem-se, passando esta a

cavaleiro daquela, cedendo emfim o micróbio o passo na imo-  
loção ao pelouro.

Antes da guerra russo-japonesa, apenas esta inversão se  
assinala na franco-prussiana, lado alemão, onde a taxa dos  
óbitos naturais não passou de 18,2, subindo a dos óbitos por  
vulneração a 34,7. Nunea tal acontecera em nenhum exército  
do mundo. Foi uma guerra curta e vitoriosa, onde fizera a  
sua estreia a nova organização prussiana dum corpo médico  
dotado de autonomia, competência e recursos — sistema eficaz  
que deu de si no decurso da campanha as mais lisonjeiras pro-  
vas, deixando a perder de vista a medicina militar francesa  
instituição rotineira e caduca, ineptamente subordinada à inten-  
dência, deficiente em quadros, em auxiliares e em material,  
numa impotência funesta a rematar a desgraça das derrotas.

A possibilidade de reduzir a letalidade por morbidez, pondo-a  
abaixo da letalidade por peleja, só veio a ter execução demons-  
trativa na guerra da Manchúria 1904-5, sobretudo da banda  
japonesa, graças ao esforço feliz do corpo sanitário do seu  
exército, admiravelmente organizado, treinado, e equipado.  
Nenhum exército europeu ao tempo sobrepujava o nipônico em  
pontos de sanidade em campanha, e talvez mesmo nenhum o  
egualasse. O general médico Takaki dizia ao depois com justo  
orgulho numa conferência proferida perante a Academia de Me-  
dicina de Nova York, que *«a fortuna das armas do mikado foi  
em grande parte devida à optima ordenação do serviço sanitário  
de guerra e ao progressivo preparo dos médicos militares japo-  
neses, cuja promoção se regula pelo critério da mais rigorosa  
selecção para todas as patentes; emquanto que o serviço sanitário  
do exército russo, pela insuficiência dos meios de socorro e pela  
deficiência do pessoal técnico, funcionou mal, tanto no referente  
à cura dos feridos, como no tocante à defesa higiênica das  
tropas»*.

Este amor da hygiene impressionou o major-médico Seaman,  
em missão oficial dos Estados-Unidos junto do corpo expedi-  
cionário da Manchuria, espantado de que os médicos japoneses  
tanto se desvelassem por assegurar ao soldado a manutenção  
saudavel e o acampamento salubre, por defendê-lo contra as  
causas de infecção e contágio, sustentando uma profilaxia es-  
crupulosa e incessante. Pode dizer-se que o Nippon guerreiro  
fôï o inaugurador em acção da sanidade moderna de campanha.

Lembro-me que já a quando da chamada guerra das nações na arrancada de Pekim, onde o japonês veio afrontar o paralelo em bravura e equipamento com o europeu, apresentou ele um tipo de navio-hospital tão superiormente disposto e provido que causou emulação à própria milítanza germânica. Segui ao tempo com curiosa atenção o andamento e as peripécias da luta dos dois impérios na Manchúria — uma lição mestra das artes da guerra que a alta gerência técnica de tantas das potências militares não escudou ou não aproveitou, tão despercebida e despercebida se mostrou ao romper do cataclismo de agora — e surpreendeu-me até onde chegava a previdência do japonês que, à chegada das vanguardas aos povoados, impedia o contacto das tropas com os enfermos contagiosos, sequestrando-os, depois dum prévio varejo domiciliário, médicamente contrastado.

Ficava entendido e provado que à medicina de guerra impendia de oravante um alto objectivo — proteger os homens contra os estragos da doença; e uma nova tática surdida, a da defesa preventiva, outrora quasi obliterada perante o cuidado cirúrgico do ferido, único a inspirar a orgânica médico-militar clássica. É que o aglomerado de campo está por sua natureza sujeito, como todo o aglomerado humano, aos males da acumulação, às doenças gregárias, às *moléstias dêmicas* — ao desbaste das endemias e epidemias. E essas — disse-o na alvorada da hygiene contemporânea o grande pioneiro inglez da sanidade, John Simon — são *moléstias evitáveis*, paulatinamente juguláveis e desenraizáveis pelo poder crescente das armas profiláticas. Ora são elas as que mais pesam no passivo das hecatombes bélicas.

As pragas que perseguem os exércitos, proveem da mesma boceta de Pandora donde se escaparam todos os males humanos. Se no teatro das operações reinam endemias, lá as teremos a castigar as tropas de baixas, tanto ou mais certeiras que os inimigos. É sezónatico o território guerreado? a *malaria* grasará e avultará. Assim succedeu nas expedições de Santiago e das Filipinas, na guerra hispano-americana. Esse *sezonismo* tem sido o espectro das tropas aliadas na Macedónia, cevado pelos mosquitos dos pantanos do vale de Vardar. É o flagelo de todas as expedições aos países quentes onde a febre tropical abate e dizima o branco; nefastamente sob este signo

teem vivido e morrido as forças portuguezas, mandadas para Angola e Moçambique, sempre desprecadamente numa des-higiene quasi bárbara, como se as sezões fossem um mal ineluctavel. A *febre amarela* perseguiu naturalmente o americano na guerra de Cuba, e na Manchúria o japonês, atreito ao *beriberi*, em sua lingua *kakke* — moléstia de carência causada pelo consumo do arroz — sofreu como doença prevalente desse mal indigena.

Das pestilências exóticas de irradiação asiática, se a guerra as topa no seu andaço, servem-lhes de fóco e rastilho o acumulo e o vaivem das tropas. Na cidade média as ondas das cruzadas levaram e trouxeram no encalço a *peste* do levante que balisava de cadaveres as rotas da migração militar cristã, na demanda do túmulo de Jerusaleem. No cerco posto a Lisboa pelas armas de Castela em tempos do Mestre de Aviz (1384) ardeu tanto a peste no arraial castelhano que o inimigo, vencido dos estragos da epidemia, fugiu espavorido, livrandonos do perigoso sitio <sup>1</sup>. Também se envolveu o flagelo com a heroica expedição da conquista de Ceuta, trazida pelos navios estrangeiros que vieram em seu reforço. Nas guerras modernas, a russo-turca de 1828-29 viu ainda as tropas inçadas duma severa peste bubónica.

A sua irmã de berço, a *cólera* asiática, só espraçada a partir do século transacto, contaminou as hostes nas guerras orientais — na da Crimeia, na germânica de 1866, na sino-japonêsa 1894-95, e emfim na balkânica de 1912-13, rastilhando as linhas de Chatalja. A nossa guerra liberal foi quem deu ingresso e progresso à primeira invasão colérica do país (1833); os mercenários estrangeiros que do vapor *London Merchant* desembarcaram no Porto em reforço às guarnições constitucionais, eivaram-nas do contágio que, foqueado primeiro na cidade sitiada, ao depois de levantado o cerco se derramou por largo, arrastado pelas marchas e manobras das tropas contendoras.

As pestilências domésticas, as pestes *nostras*, são as mais

---

<sup>1</sup> Não foi a unica conjuntura em que uma epidemia fez o milagre de livrar a capital dos sitiantes. Quando veio afrontar Lisboa a frota inglesa do Drake (1589), em favor do prior do Crato, as tropas de desembarque, comandadas pelo general Norris, não puderam consumir o feito, salteadas as suas fileiras por um andaço mortal.

comuns e más das pestilências de guerra. Uma tríade eschatológica domina as calamidades epidémicas de campanha: o *tifo exantemático*, a *febre tifoide* e a *desintéria* — os tres inimigos jurados, através dos séculos e das regiões, das falanges marciais.

O primeiro é o velho *tabardilho* ou a *febre de pintas* dos médicos quinhentistas da península que estudaram e registraram as suas pavorosas incursões. Tão afeiçoado à gente em armas, que mereceu a denominação de *febris bellica*, *tifo dos exércitos*. Na conquista de Granada foi mais daninho aos reis católicos do que as lanças moiriscas; perseguiu as tropas do cesar Carlos V, forçando-o a levantar o cêrco de Metz, e nos exércitos germânicos, confluidos aos plainos da Hungria para sustar o passo à invasão dos turcos, incendiou-se com tanta sanha que, mais mortífero que as cimitarras, destruía as tropas antes mesmo de se terem defrontado com os otomanos. Dai o titulo de *febre hungárica* com que durante tres séculos o fantasma tífico apavorou as gentes de campo e de sítio. Da guerra dos Trinta Anos às guerras napoleónicas o tifo exantemático não desamparou os hospitais de campanha, serpeando por toda a Europa o seu rasto formidável. Ateou-se duramente, por exemplo, durante a guerra peninsular em que o exército invasor de Napoleão diz-se que perdeu ao todo nas diversas incursões 300 mil homens por moléstia e 100 mil pelo inimigo; no cêrco célebre de Saragoça mais de metade da população e da guarnição da praça morreu de tabardilho, o que forçou a capitulação; no exército expedicionário inglês em Portugal e Espanha sucumbiram 25 mil homens por doenças contra 9 mil em batalhas. Na guerra da Crimeia, depois de enfuriar-se contra as tropas russas, veio castigar rijo as inglesas, e sobretudo as francesas, acumulando mais victimas do que todas as outras doenças juntas. Ainda na guerra russo-turca (1877-8) lavrou o tabardilho feramente, matando por si só muito mais do que os ferimentos, e na dos Balkans 1812-13, embora moderadamente, fez vitimas a todos os beligerantes.

Da *febre tifoide*, desde que a nosografia a estremou, nunca mais deixou de divisar-se a sua epidemização mortífera nos arraiais, cobrando por vezes dízimas incomportáveis, e certamente que já dantes se associava ao tifo nas devastações militares; e de par com ela as infecções intestinais, as *disenterias* e as *diarreias*, a ocuparem categorias de prevalência nas listas obituárias.

Toda a mais patologia inficiosa é em regra subalterna na destruição dos homens de guerra; ao passado quasi pertence já a menção das *bexigas* que na guerra civil americana deflagraram, e explodiram pavidamente na guerra franco-germânica de 1870 que desentranhou a mais vasta e mais virulenta epidemia variólica, uma colossal vaga pandémica que não só se alastrou nos dois países beligerantes e nos circundantes da Europa, mas até através dos mares na própria América fez sentir a sua influência funesta.

Eis aí um aspecto interessante da mortandade de origem eastrense que os epidemiologistas de guerra não costumam encarar. A labareda das pragas dardeja para fóra dos arraiais, e cáculo errado será o que só pondera os seus destroços militares.

A guerra distribue as quebras por doença na massa populacional, sem privilégios de uniforme; sejam de soldados ou paisanos, todas essas vidas perdidas devem ir ao passivo bélico, embora distintamente parceladas, mas levadas à mesma conta. Esta verdade agora mesmo (1916) a alumiou o dr. Friedrich Prinzing, destacando com toda a amplitude essa face dos conflitos internacionais, deixada quasi sempre na sombra e nunca integralmente apreciada. «Até tempos bem recentes o mais sério custo humano da guerra não tem sido as perdas da batalha nem mesmo as perdas das tropas por doença, mas sim as perdas pelas epidemias derramadas entre a população civil». Foram essas epidemias e suas seqüências, peor do que as perdas militares directas, a causa explicativa da profunda prostração da Alemanha depois da guerra dos Trinta-Anos; foram também o resultado mais grave da série napoleónica. Elas as que prolongam a calamidade mortifera da guerra; vem a paz, cruzam-se as armas, desertam-se os campos de batalha, mas os golpes da infecção continuam a derrubar gente, entre a que, regressada da fileira, já não peleja, e a que, mansa e queda em seus penates, nunca pelejou sequer <sup>1</sup>.

O que tem dado e virá a dar a guerra de hoje em quebra

---

<sup>1</sup> Aí está o exemplo do esboroadado império russo. O seu novo despotismo anarquista acaba de rojar as armas perante os impérios centrais; a escaramuça dos inimigos findou, e apenas aqui e além estalam os tiros dos motins internos. Pois o tifo exantemático, o tifo da guerra e da fome, cada vez mais engrossa o seu morticínio.

de vidas? confirmará a degressão relativa na sangria e na epidemia? terá deixado ou virá a deixar incólumes as populações? Resposta completa e segura dá-la-ão as estatísticas de *après-guerre*, cujos resultados apenas se podem antever.

As cifras representativas dos efectivos empenhados nas guerras d'outrora não passam duma miséria numeral comparada aos exércitos arquivionários de hoje em dia, onde cada povo beligerante vasa nas fileiras quasi toda a sua população válida de varões, da juventude à velhice. Que dará o choque destas imensas falanges, armadas e municadas formidavelmente de engenhos destruidores — realização fantástica das maquinas sonhadas pelos romanceadores de guerras maravilhosas, que das espingardas fez rodízios de metralhadoras, que multiplicou e escancarou ao máximo as guelgas dos canhões em vômito incoercível de projecteis de toda a casta e para todos os efeitos, que inventou elefantes de aço e aguias de canhão, que do próprio ar vivificante fez arremesso de gazes deletérios, numa áncia de aniquilamento irresistível e sem parança?! Como duma refrega assim de titans haja quem escape, é milagre. As grandes acções excedem-se em baixas, de que correm cômputos pavorosos, e a estas sangrias caudalosas soma-se a hemorragia quotidiana do bombardeio a cobrar dia a dia o tributo das guarnições das linhas defrontadas. Quais as proporções da carnificina, só se saberá ao certo depois, quando se patentecarem os balanços da vindima das pólvoras e do aço. As cifras brutas do matadouro hão de ser formidandas, milhões de vidas. Chacinou-se mais nestes dois anos de guerra do que num século inteiro com as guerras napoleónicas e tudo.

Contas pesadissimas, e tanto que uma das experiências da guerra foi o ensino de toda a ordem de defesas tácticas capazes de preservarem o mais possível as colunas empenhadas na acção, promovendo a economia de vidas.

Das contas patológicas sabemos mais e melhor — tão lisongeiras que excedem as esperanças mais optimistas. Optimismo aliás não muito para agoirar, dado o espantoso acúmulo de tropas nas frentes, sobretudo nas trincheiras, como na antiga guerra parada dos assédios, e dadas as mesclas de exércitos carreados de toda a terra e de todas as raças, trazendo na bagagem os virus de origem. Se não fóra o travão da sanidade, apertado com toda a força, onde iria tudo parar?!

Em verdade se diga que a guerra mórbida não tem sido, em todo o vasto circuito das linhas que retalham a Europa, da mesma clemência. Nas linhas orientais, onde os lances das campanhas tiveram mais amplos e inopinados movimentos, onde jaziam os focos sempre activos do tifo exantemático e a cólera há longos anos se mostrava reviviscente, a epidemiologia de guerra deixa inscritas páginas memorandas. E a mais negra, dissemo-lo já, é a da retirada da Sérvia, que reproduz o que de mais tétrico ressuma dos anais antigos da febre hungárica. À parte essa explosão de praga desaustinada, o *tabardilho* talou as hostes russas, austriacas, e alemãs, e deu de si repercussões tremendas nos campos de prisioneiros. A defrontá-lo tombaram médicos sobre médicos, a quem a febre exantemática fere com uma raiva predilecta. Foram às centenas os médicos servios imolados; as missões estrangeiras que vieram em socorro, pagaram a sua dedicação, e entre os médicos alemães que, entregues ao estudo do flagelo, sucumbiram, figuram três sumidades mundiais da patologia inficiosa, o prof. Cornet, o prof. Löffler, e Prowazek. A própria população da Alemanha foi insultada pela epidemia; assás sopeada ao depois, as estatísticas continuam a marcar-lhe casos, enquanto que na Russia refina estragos por toda a parte.

As *febres recorrentes*, também uma praga de casa, casaram-se à febre exantemática. A *variola* veio manchar, aliás em cifras apoucadas, o teatro oriental. A *cólera* essa fez uma arremetida de respeito e susto desde as frentes austriacas; o magnifico serviço sanitário italiano sustou-lhe triunfantemente os passos pela mais completa e adestrada defesa que jámais se instituiu contra o flagelo — lazaretos, linhas de filtração, revisão bacteriológica, vacinação, etc. Sobre a Sérvia descaí a contágio a quando do êxodo militar e paisano, peorando os males da fome e do tifo. Acompanhou esses tristes destroços dum povo abatido, na derrota mediterrânea até às costas da Itália, da França e da Argélia, onde a profilaxia jugulou com relativa facilidade todos os seus rebentos <sup>1</sup>. Uma magnifica conquista

---

<sup>1</sup> Ao mear de 1916 sumia-se na própria Corfú onde se regenerava o exército sérvio, e apesar das justas profecias das Cassandras epidémicas, não reponhou.

pacífica da sciência que se obstina em salvar o homem dos males evitáveis entre os inevitáveis da guerra.

Onde essa luz vitoriosa mais rutila é no horizonte ocidental. O *tifo*, a *variola*, a *cólera*, a *febre recorrente*, desconhecidas; a *febre tifoide* com os *paratifos*, esmagada e atenuada ao mínimo pela vacina e pela salubridade. *Disenterias*, apoucadas, como apoucadas as mazelas secundárias da *meningite*, da *difteria*, do *sarampo*, da *escarlatina*, do *tesourelho*, etc. Emfim pestilências mínimas, mais de estudo que de sanidade, raridades mórbidas curiosas, e algumas de nova espécie — *ictericia epidêmica*, *nefrites de guerra*, *pês de trincheira*, *febres de trincheira*, etc. As próprias infecções cirurgicas, que se erguiam ameaçadoras foram contrabatidas, o *tétano* pelas injeções preventivas, a *gangrena gasosa* pela intervenção precoce. Das moléstias de exército só uma prospera — a *sífilis*, os males da Venus conubernal de Marte; e de tal arte que se diriam repostos os tempos em que a pestilência genital irrompeu e inundou a Europa, semeada pelas tropas do cerco de Napoles.

Os hospitais de isolamento que visitei, despovoados, de leitos ermos, quasi diria ás moscas, se esta locução antiga fosse ainda de receber. As sevandijas, os *insectos-pestes*, efectivamente perseguiram-se com êxito; uma persiste entre as perseguidoras do homem, o *piolho*, desprovido aliás de virus a transmitir, animalejo pululante ressuscitado das hordas medievais, que as baterias assestadas do despiolhamento não conseguem desinçar de todo, -- especie de insecto simbólico e de divisa tragicômica, na sua repugnante humildade, desta luta de soberbos e gigantes. Como outrora debaixo da púrpura papal de Xisto V, o piolho mete-se e obstina-se na costura do manto cinzento dos heroes.

Como conspecto geral da epidemiologia reinante nas linhas que se desenrolam na Bélgica, França e a Itália, pôde dizer-se que as pestilências militares estão a findar. Baste dizer que os decessos naturais das tropas em campanha se apresentam *numa quota inferior à dos tempos de paz* — e isto diz tudo. Soube-se emfim remir a guerra dos males da guerra no campo das infecções — fazer a guerra à guerra e leva-la de vencida. Um trabalho de Hercules. Da trindade conjunta que de sempre apavora a humanidade — peste, fome e guerra — a sciência não pôde prevenir a guerra, nem tem podido valer à fome, mas soube atalhar a pesté.



Há mais de século e meio que um brado estrénuo rompeu em favor da saúde do soldado — abramos os ouvidos que foi uma boca nacional que o soltou. Escutá-lo-emos ao menos agora, já que, proferido por um português e em português, nunca penetrou nas orelhas ceruminosas da pátria?!

A voz é de RIBEIRO SANCHES, patriota acérrimo e sábio superior, daqueles que, forrados pelo exílio à mesquinhês do meio natal, acendraram ao fogo directo da civilização europeia os quilates do seu nacionalismo e do seu scientismo, por honra imorredoura do país que aliás ignominiosamente os esquece. Agitou — «em bem do país em que nasci», dizia ele — quantas questões educativas e reformadoras interessavam à regeneração dêste Portugal que o enjeitava — aquela regeneração sempre sonhada pelos seus espiritos de eleição, sempre em parte malograda a cada avatar da sua imperfeita evolução, — e entre elas com o destaque dum alevantado espirito profissional a questão do salvatério físico do homem colectivo. O *Tratado da Conservação da Saúde dos Povos* (1756) assegura ao seu autor a primazia na criação conceitual da hygiene moderna, «como ciência social e arte sociotécnica»<sup>1</sup>, — tratado que se não teve por essa Europa fóra a merecida retumbância, foi porque a língua em que o escreveu, lhe abafou o eco.

É aqui que num impeto médico-filantrópico proclama os perigos da vida do soldado e os meios capazes de evitá-los ou atenuá-los. «Já que tive bastante experiência da vida militar como médico, permita-se-me que seja mais difuso no relatar os perigos dela, ou porque sofri parte deles ou por humanidade; verei se posso indicar os meios que faça mais toleráveis...». Experiência sim, não faltava áquele, que, discípulo dilecto de

---

<sup>1</sup> Produzi esta reivindicação no *Cong. Int. de Medicina* em Lisboa (1906), ao abrir da secção de hygiene. Sobre o nosso grande médico e higienista, vêr: Ricardo Jorge, *Discours présidentiel* (Hygiène) no eit. Congresso — *Cartas de Ribeiro Sanches*, 1907 — *Amigos de Ribeiro Sanches*, 1909, e a monografia de Maximiano de Lemos — *Ribeiro Sanches, A sua vida e a sua obra*, 1911. O pago que lhe deram em Portugal foi contrafazer-lhe a edição de Paris, que lhe ficou na gaveta, sem que a venda o ressalvasse das despesas!

Boerhaave, se viu elevado a médico da corte da Rússia e cirurgião dos seus exércitos; e bem rude e sofrida devia ela ser para quem seguiu as tropas russas na guerra contra a Turquia e na tomada de Azoff depois dum sitio memorável (1736) — um viveiro de febre malignas que ele próprio curtiu na miseranda tenda de campanha. Ninguém até então versara em termos a preservação do pobre soldado, salvo o magistral John Pringle, de quem Ribeiro Sanches, seu amigo e condiscipulo nas aulas de Leyde, cita e louva aquele sempre admirável tratado de *Diseases of the Army*, saído à luz apenas cinco anos antes — a biblia da patologia e da epidemiologia militares.

Desfaz desde logo como epidemiologista avisado uma abusão estúpida, reinante nas esféras da milícia: «É notório a todos aqueles que militaram em Hungria, Rússia, Flandres e em Itália, que a maior parte dos exércitos perecem, depois do meado de agosto até os princípios de outubro, pelas febres ardentes... e disenterias, e que o número destas doenças sempre excede de ametade a aquelles dos mortos na guerra e dos feridos. Atégora foi a opinião constante dos Officiais Generais, e mesmo dos Médicos Militares que os frutos verdes ou maduros, a grande quantidade de vinho e de aguardente de que usavam os soldados, eram a causa daquela mortandade: o que é engano manifesto, e que a experiência me fez ver evidentemente». A esta etiologia banal e cómoda, exoneradora das responsabilidades do alto comando, contrapõe a causa específica, descentranhada da acumulação insalubérrima, a cevar-se na soldadesca com maior carnificina do que a das batalhas, — precisando já a superior proporção dos mortos por moléstia, mas computando-a mais baixa do que ela era e continuou a ser na sua triste realidade. São «as febres de contágio» e não os vícios de regime que sacrificam as tropas: «Eu vi no ano de 1736 no sitio de Azoff cair em disenterias e febres remitentes mortais a terça parte do exército russo, sem haver comido naquele deserto o mínimo fruto de outono. Sei que nas duas campanhas, pelas bordas dos rios Niepper e Niester até quasi às bordas do Mar Negro, que fizeram os russos, mais da terça parte dos soldados ou morreram ou adoeceram de disenterias mortais sem haverem tocado fruto algum do outono».

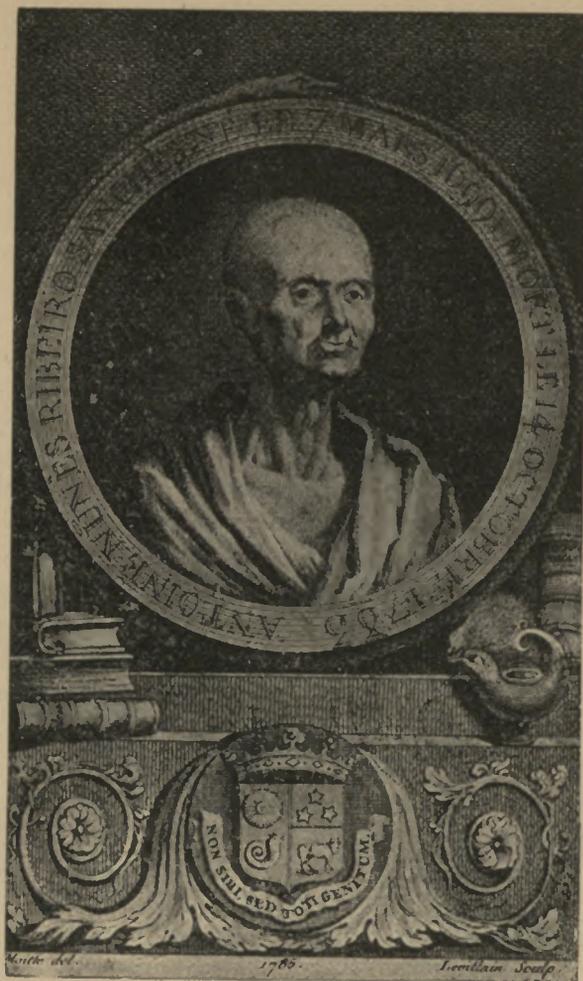
E sempre no toque da mesma tecla de piedade humana, exclama: «Quizera sem comover-me pôr diante dos médicos,

dos cirurgiões, e sobretudo diante dos generais o estado iminente de morte a que estão sujeitos os soldados, ainda mui longe do inimigo; mas como o vi e lamentei muitas vezes, perdôe-me quem ler este capítulo, se nelê tiver mais parte a humanidade do que a sciência». Ele queria vencer a apatia dos médicos castrenses e mais ainda a indiferença sobranceira dos generais.

Nas barracas «estreitas e abotoadas» onde se acamam as companhias, «ô ar está cheio de exalações fetidíssimas que farão nausear ainda a [quem estiver costumado a semelhante vida]. «Mas o mais lamentável é ver e tratar os hospitais de campanha». Quem viu mil enfermos metidos em quatro ou cinco salas, sem limpeza do suor, com sangue coalhado das feridas, de matéria, e das matérias pôdres delas, às vezes misturadas com os excrementos de todo o corpo, quási todos febricitando, sem mudar nem de camas, nem de ar, enjoando a cada instante, é fôrça que considere que naquele logar para acabar a vida não se necessita doutra doença que respirar aquele ar».

Nesse meio mefítico «se gera aquela indomável e mortífera febre de contágio». «O que faz parecer tantos soldados desta febre, é o não ser conhecida pelos médicos». Entra no hospital de campo um ferido sem perigo de vida ou um soldado affectado de doença benigna; ao cabo de alguns dias acende-se-lhe a febre infeciosa, adquirida no próprio hospital, de que vem a morrer, apesar do incômodo inocente que o lá levou ou ferimento curável; o cirurgião e o official culpam essas causas banais na maior das inconsciências. E Ribeiro Sanches repete tristemente aquele passo de Plinio — *At Hercule homini plurima ex homine sunt mala*. Meu Deus quantos males proveem ao homem nascidos do mesmo homem!

São êstes males preveníveis? Crê-o e afirma-o o nosso patriarca, estampando esta sentença que pode servir de rúbrica a um livro de hygiene militar: «É superior a toda a precaução regradar uma multidão de homens, ainda na mais estrita disciplina, sem que neles haja doenças e enfermidades. O que se pode pretender, é que pelos meios mais a propósito, executados pelo poder da disciplina militar, a maior parte deles fique isenta dos maiores males ou da morte». Esta redenção sanitária consegue-se á custa da «diligência e capacidade dos médicos» — essa porém não basta se não fôr apoiada pela sanção



DR. RIBEIRO SANCHES

(1699-1783)

Medico do exercito russo (1735) e do nobre corpo de cadetes de S. Petersburgo,  
Segundo medico da Corte (*Hof medicus*, 1740)  
e Conselheiro de Estado (1744).

Instituidor de higiene civil e militar  
no seu *Tratado da Conservação da Saude dos Povos* (1756).





dos regulamentos apropriados de guerra — e estes a seu turno de nada valerão se os Capitães Generais se não importarem com a sua observância.

Ao chefe impende tamanha responsabilidade, não apenas filantrópica, mas intrinsicamente bélica. «Que empresa poderá intentar ou conseguir sem o vigor dos soldados?» Se não se lhe dá da vida e saúde dos seus homens, mal lhe irá; se não tiver olhos senão para o objectivo militar, quando pretender realizá-lo, achar-se-á com efectivos depauperados, minados e dizimados pela moléstia, sem valor de corpo nem de espirito, bando inane votado ao destroço irremediável. Porque será que essa lição dura da guerra só tarde e mal penetrou na cabeça dos estados-maiores? Enxameiam exemplos em toda a história das guerras; de casa e de há pouco, temos o das nossas empresas de Africa em que os males tropicais e a desatenção pela sanidade redundaram em calamitosos desastres. Mais uma demonstração desta verdade: «Se os generais não tiverem a providência de prevenir estes males, serão mais destruidores do seu exército do que a espada do inimigo». Precatar-se contra o general Microbio deve ser o desvelo do homem de guerra, se quer levar a sua força ávante na incolumidade que mantem inteira a eficiência combativa das colunas.

Ribeiro Sanches conhecia-se em salubridade de campo. Por muito sadio que o sítio seja, campo aturado é campo danado. A mudança a miudo do acampamento julga-a conservadora da saúde do exército. Ainda na retirada da Sérvia se notou que assim que as tropas paravam, a mortandade se exacerbava; mal se punham em marcha, diminuiam as baixas. «A disciplina exacta na limpeza seria o remédio eficaz contra a corrupção», alvitra Sanches acertadamente, a prenunciar a praxe castrense de hoje em dia. «Um leve castigo a todo o soldado que evacuasse fóra das latrinas que se deveriam abrir de propósito nos logares convenientes»... e descreve a prática a seguir no rasgar e no encher destas fossas temporárias, semelhantes às que os práticos franceses chamam *feuillées*, o que em bom português traduziria por *afolhamento* — o valado estreito ao longo do qual se vão operando as defecações, reenchido sucessivamente com a terra extraída. Se hoje o infeliz médico de Azoff ressuscitasse, veria o seu sistema adoptado nos acampamentos, e o escrupulo da corrupção que por daninha tanto temia,

levado tão longe pelos compatriotas do seu amigo Pringle, que não é à terra que confiam a destruição dos seus excretos, mas ao fogo, o purificador por excelência. O *suprasummum* da salubridade que vi e admirei no campo inglês — simbolo do seu puritanismo sanitário e do seu amor fanático pela limpeza, que deus amou e o inglês adora. E como ninguem é profeta na sua terra, desolar-se-ia ao vêr que no acampamento de instrução em Tancos nem mesmo o afolhamento se praticava, escancarando-se a fossa primitiva e lóbrega, e que o soldado se acoorava pelo mato, rastilhando o chão de fezes e o ar de fedores. As moscas viajavam em nuvens cerradas como gafanhotos, elas o test-objecto da salubridade do campo.

Que fosse limpo o soldado e se lavasse, prégava o Sanches. «A maior parte das nações barbaras conservam ainda hoje o uso dos banhos e das estufas, como soberano remédio para conservarem a saúde, mas a santidade da religião cristã não podia consentir um costume contrário às vezes à modéstia e à mortificação. Em Espanha, em França e Itália foi proibido por autoridade eclesiástica, e pública também, o uso dêles... É certo porém que o uso dos banhos seria muito salutar». Uma denúncia, não sei se com seu quê de ironia, contra a hidrofobia tradicional, incutida pelo abuso duma educação santimônica que tantos laivos deixou até hoje. Cita o exemplo do soldado moscovita, amigo do banho de vapor, o banho russo, para quem ainda nesta guerra se fizeram magníficas instalações em comboios e automóveis para satisfação dos seus gostos balneários; e das vantagens do banho de sudação, já sobrelevadas por Sanches, se compenetrou a sanidade inglesa que o propagou nos seus acampamentos.

O horror da água na pele, salvante a lustral do baptismo, é entre nós um hábito indígena inveterado, a custo atacado pelo progresso educativo. Vão apenas quarenta anos depois que Ramalho Ortigão descobriu que entre os tarecos carregados nas mudanças semestrais da capital era milagre encontrar-se uma banheira. Que apuros de balneação mostrariamos ao Sanches, se cá voltasse, nas casernas e até nos hospitais militares? Nas manobras de Tancos o soldado encalmado se quis lavar o corpo, teve de valer-se da linfa do Tejo, onde por sinal alguns, perdido o pé no pego, pagaram com a vida o goso da água fresca.

Contra os hospitais não há blasfêmia que não impreque e

remédio que não pregue. Desanimado já perante os costumes hospitalares do seu tempo nas cidades, traz à colação tristemente a frase do dr. Richard Mead — *Custa muito mais fazer bem à sua pátria do que fazer-lhe mal*. «O mesmo temor me acompanha em declamar contra os hospitais gerais dos exércitos... ainda que demonstre não só a perda dos soldados, mas ainda de todos os assistentes déles, como cirurgiões, confessores, e enfermeiros». Desespera da rotina perra dos generais que teem por costume em campanha estabelecer em edificio falho de capacidade e de adaptação um *hospital geral* onde encafuam todos os doentes e feridos; e Sanches calcula que um corpo de «exército de 25 mil homens, depois do meado de julho até fins de setembro, terá entre a sexta e a oitava parte de enfermos, quero dizer entre 3 a 4 mil homens pouco mais ou menos». Toda esta mó de desgraçados vai amontoar-se num hospital — «naquele estado, naquela confusão, a morte parece o mais doce e mais desejado tormento». Médicos, cirurgiões, e auxiliares, insuficientes para tamanha assistência, neste meio nosocomial onde o contágio retoíça, «todos caem enfermos; morrem os confessores, morrem os enfermeiros, e ficam os miseráveis enfermos destituídos de todo o socorro humano. *Quaeque ipse miserrima vidi*. Êste é o retrato formidável dos hospitais gerais de campanha».

Retrato formidável que na scena balkânica se reenscenou agora com todas as cores sombrias da pintura impressiva de Sanches. Os pobres sérvios — mescla de todos os restos das tropas e das gentes, ululantes de pavor e de febre, comidos de fome e de piolhos — vinham empilhar-se nos hospitais, tão minguados e acogulados que os enfermos, depois de atulhadas as camas, juncavam o chão, sentados e deitados, uns de encontro aos outros. Cada médico, cada enfermeiro, ao entrar de novo em serviço, o que tinha por mais provável era cair com o tifo dentro da primeira semana. Ouvi a um colega sérvio contar êste caso arripiante: deu-se pela falta dum médico numa destas geenas, e foram encontra-lo morto debaixo duma cama, onde devia estar há dois dias sem que ninguem desse fé.

Ribeiro Sanches esboça, como substituição do caos do seu tempo, um sistema de hospitalização e assistência de campanha, mas sempre desconfiado de que as suas ideias não sejam atendidas pelas autoridades militares. Cada regimento teria um

hospital particular, com as viaturas necessárias para o transporte de camas e caixas de instrumentos e medicamentos, tudo bem arrolado e arrecadado. «Todo o soldado que caísse enfermo, iria para o seu hospital particular; as queixas que requerem immediato socorro, e todas aquellas que se pudessem ali curar, não deviam os enfermos delas passar ao hospital geral», que, estabelecido «no centro destes hospitais particulares, quero dizer o mais perto que pudesse do corpo de exército», receberia «aqueles que necessitassem de operações mais complicadas de cirurgia ou de males crónicos».

Eis aí instaurado o principio básico da dicotomia da orgânica médico-militar de *hospitais volantes e hospitais fixos* e o *sistema ambulancial* de assistência, enfermagem e transporte de feridos e enfermos, chave de todo o serviço de saúde moderno, inaugurado já no fim do século XVIII por Larrey, e sobretudo por Percy, que, apesar da animadversão dos comissários de guerra, o implantou gloriosamente para bem perpétuo da humanidade e da medicina.

Sobre eles levava Ribeiro Sanches a vantagem de considerar o alcance da sanidade médica; o grande Larrey, a águia napoleónica da cirurgia militar, não chegou a ter a sufficiente comprehensão do carácter infecto das febres castrenses e da vigorosa profilaxia a opôr-se-lhes.

Se ao médico judeu fôra dado, antes do juízo final no vale de Josaphat, voltar a palmilhar a Europa, exultaria ao vêr cumpridos e excedidos os seus votos nas terras auspiciadas onde cãmpou a mestria fecunda do condiscípulo John Pringle e do mestre Van Swieten. Na terra sua, naquela donde a Inquisição o mantinha exilado e o escurantismo o repelia, que encontraria como sementeira das suas adjurações, volvido vai para dois séculos? Prêgou para uso dos seus compatriotas o bem da hygiene naval, militar e civil, mas a sua palavra de apóstolo, não levedou os espiritos. Veria que a marinha portuguesa não tem tido navios-hospitais nem material sanitário a bordo dos vasos de guerra. Veria no exército de terra o raro arsenal ambulancial reduzido a viaturas anacrónicas, espécie de sucata de refugo, com as caixas de instrumental e drogas, que êle queria apercebidas e arroladas, vazias dos conteúdos. Veria o hospital militar da capital do país, um pardieiro desmantelado, desguarnecido, desdotado, onde tem reinado o perse-

vejo em praga egípcia permanente. Veria o soldado de África, relaxado ao sezonismo e aos males dos trópicos, sem condições internas nem externas de defesa sanitária, vítima obscura da doença e da morte, pária militar sem amparo nem glória. Veria tolhido ao oficial médico o acesso ao posto de general, um estigma de inferioridade jerárquica só visto em Portugal, mas franqueadas as promoções de que são inteiramente excluídas a superioridade intelectual, o saber adquirido, a competência técnica, o zelo demonstrado, sem selecção de nenhuma espécie, suprimidos até os exames intercalares de carreira que vigoram nas outras armas, para só vingar o critério numérico e mecânico da antiguidade, a cortar toda a espécie de emulação e estímulo<sup>1</sup>. Veria os regimentos acumulados para as manobras e para as expedições, desprovidos da protecção imunitiva, hoje compulsória nos exércitos, que a vacina presta contra os estragos da febre tifoide. Veria a hygiene civil, desvantajada, desvalida, de verbas orçamentais escassas e ratinhadas... Onde iríamos com estes balanços?! O que há a evocar neste lugar e neste momento, não é uma filípica, nem mesmo uma jeremiade, mas sim um protesto de ressurgimento.



A guerra socializou-se, a todas as classes impôs os mais pesados sacrificios de fazenda e vidas, a todos reclamou o sangue das veias e o das algibeiras. A nenhum como ao médico — vítima por excelência da grande guerra. Qual é a classe que conta um contingente assim nos campos de batalha?

Apelou-se para o nosso sacerdócio humanitário e os médicos responderam despejando-se em massa nas fileiras. Ouvi calcular em 75 por cento da totalidade médica da Grã-Bretanha a quota dos profissionais que teem descido à França com os corpos expedicionários da Inglaterra. E *sic de cæteris*. Não viram senão a hecatombe dos feridos, a sangria aberta, caudalosa como um rio, a vedar pelas suas mãos peritas. Disseram

---

<sup>1</sup> Uma lei recente, de iniciativa parlamentar, afirmando no seu relatório que a idade serve de quilate de medida à competência profissional e portanto à graduação, acaba de sagrar este errado e nocivo princípio, errado e nocivo em si e nas suas consequências.

adecuado ao remanso da clínica, largaram interesses, para uns a segurança do pão nosso quotidiano, para outros a onda crescente duma legitima riqueza. Tudo abandonaram pela tenda salvadora de campanha, onde, debaixo da bandeira da pátria, cruzados da cruz vermelha, socorrem aos seus e aos alheios, a amigos e inimigos — imagem consoladora da humanidade na arena sangrenta.

Valem ao perigo ao abrigo do perigo? Não, esse tempo passou com as guerras históricas; hoje pagam o tributo pesado de combatentes. Naquela tremenda tragédia da Sérvia em que a mortandade bélica e a pestilencial se multiplicaram diabólicamente, um terço dos médicos todos do reino caiu sem vida. O efectivo médico em quota de baixas aproxima-se do efectivo da arma mais castigada. Sofre a fazer bem, como se fizesse mal — mais uma triste antinomia desta guerra sem quartel.

Mas na batalha como na epidemia, não treme no seu pôsto de honra e de acção o filho de Hipócrates. *In arduis fidelis* — reza a divisa que circunda o caducco da insígnia do *Royal Army medical Corps*. Nobre e acertada divisa essa, própria do fiel servidor da sociedade nos momentos árdios, do amigo certo na hora incerta da vida.

Uma grande missão cabe neste momento aos médicos portugueses, sob os auspícios do governo: — preparar-se dignamente para a sua apresentação na zona dos exércitos, adestrados e aparelhados de tal arte, que não haja deshonra antes glória para a sua sciência e para a sua pátria. Pequenos muito embora, não deixemos amesquinhar a nossa capacidade e o nosso decôro profissionais; não nos deixemos vergonhosamente surpreender em *deficit* de saber e de previdência. Congregue-se tudo quanto haja de bom e de esforçado para a obtenção desse efeito que testemunhe perante os aliados haver em Portugal uma sciência médica que conhece briosamente as normas e os deveres do officio.

Bem pequeno era o Piemonte, a quando da guerra da Crimeia, aonde, por beneficio politico de largo alcance, enfileirou o seu contingente, ao lado dos exércitos da Inglaterra e da França. Minguado em número, mas não em sanidade, porque o seu serviço de saúde, graças aos médicos Riberi e Commisetti e ao apoio do general Lamarmora, saiu honrado e gloriado do confronto com os serviços similares dos beligerantes.

O primeiro esforço dessa missão, a realizar nos campos de manobras, é talhar o soldado português pelos moldes da higiene: torna-lo saudável, graças aos preceitos higiênicos, e torna-lo resistente às infecções, graças aos processos vacinais; impedir com os recursos e a disciplina da profilaxia, actualizada pelo ensino da guerra de hoje, que o soldado seja lenha e acendalha de epidemias. Um treino sanitário tão rigoroso como o da instrução militar.

Soldado são e sanificado — porque valoroso é êle; o denodo vem-lhe de raça e tradição, vem-lhe dos gloriosos maiores — o soldado de Diu, o soldado da Bahia, o soldado das linhas de Elvas, o soldado do Bussaco, o soldado de África. O que importa refazer rápido nos campos de instrução, são os seus hábitos de negligência e imundície tradicionais, apagar o sêlo sujo da meia-idade que há séculos se nos colou à pele, e apresenta-lo fisicamente puro e imaculado, para que não o tomem como um *undesirable* ao lado da figura higiênicamente ideal do *Tommy*. Seja *sem pavor*, e seja *sem mancha*. Empenhem-se todos por consegui-lo, e quando soar a hora de entrar no quadrado da grande legião dos bravos, que nos encontrem sem minoração nem desdouro — homens de ânimo afoito, homens de hábitos saudáveis.

Que se possa dizer de nós o que escrevia um português dos tempos doirados da restauração de Portugal — o D. Francisco Manuel de Melo, militar e escritor, cortesão e diplomata:

ISSO TEEM OS PORTUGUESES QUE FORA DA PÁTRIA SE ESTREMAM NO PROCEDIMENTO ATÉ MAIS NÃO.

Assim seja.







---

Separata dos *Archivos do Instituto Central de Higiene*  
Vol. II.

---